

ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa

Catarina

Brasil

Lopes Fujita, Renata Mayumi; Jorente, Maria José

A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural

ModaPalavra e-periódico, vol. 8, núm. 15, enero-julio, 2015, pp. 153-174

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514051496008>

# **A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural**

*The Brazilian Textile Industry: a cultural and historical perspective*

*Renata Mayumi Lopes Fujita<sup>1</sup>*  
*Maria José Jorente*

## Resumo

A trajetória histórica e cultural do setor têxtil e de confecção brasileiro demonstra que existiu e ainda existe um processo de mudança. Com a liberação comercial, que trouxe a globalização do mercado doméstico, o setor sofreu um choque estrutural; além disso, o Brasil vive uma invasão de produtos importados asiáticos. No histórico do setor têxtil, pode-se ressaltar a tecnologia como fator estratégico para mudanças e desenvolvimento, incluindo a questão da moda, que atualmente exige aderência à complexidade tecnológica dada à necessidade de assimilação de novas tendências artísticas e culturais para ressignificação contínua da cultura e mesmo da individualidade. Por outro lado, a trajetória da indústria têxtil brasileira tem história de aproximadamente 200 anos com casos de sucesso e insucesso em diferentes épocas que sofreram crises, assim como a de outros países da Europa, América do Norte e Ásia. A China aparece atualmente como o líder mundial em exportações de produtos têxteis e confeccionados. Os impactos da expansão da economia chinesa sobre a indústria têxtil brasileira começam a serem sentidos.

**Palavras-chave:** Indústria Têxtil; Tecnologia; Moda.

## Abstract

The historical and cultural trajectory of the Brazilian textile sector and clothing industry shows that there was and still is a process of change. With the opening of the trade market, which brought the globalization of the domestic market, the sector suffered a structural shock, moreover, Brazil is experiencing an invasion of Asian imports. On the other hand, the Brazilian textile industry trajectory has a history of about 200 years with cases of success and failure at different times of crises, as well as other countries in Europe, North America and Asia. China currently appears as the world leader in exports of textile and apparel products. The impacts of the Chinese economic expansion over the Brazilian textile industry begin to be felt. In the history of the Brazilian textile industry, we can emphasize technology as a strategic factor for change and development, including the subject of fashion, which currently requires adherence to technological complexity due to the need to assimilate new artistic and cultural trends for continuous redefinition of culture and even of individuality.

**Keywords:** Textile Industry; Technology; Fashion.

ISSN 1982-615x

<sup>1</sup> **Renata Mayumi Lopes Fujita** é graduada em Negócios da Moda pela Universidade Anhembi Morumbi; pós-graduada em Moda e Criação pela Faculdade Santa Marcelina; fez intercâmbio na Universidad Europea de Madrid no curso de Comunicação; atuou como produtora de moda e como representante comercial para empresa italiana. São Paulo, SP, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/3787041231178383> mayumi lf@hotmail.com

**Maria José Vicentini Jorente** é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp); especialista em Design de Produto; licenciada em

## Introdução

Esta investigação insere-se no tema História da Indústria Têxtil no Brasil, cuja delimitação consiste na evolução da indústria têxtil no País, considerando tendências artísticas e culturais combinadas à complexidade tecnológica.

A indústria têxtil está presente em todos os países por conta de uma necessidade humana de vestuário e usos utilitários variados como, por exemplo, na decoração, na área hospitalar, militar, entre outros. Tem assim um significado importante nas dimensões social, cultural, econômica e política a ponto de influenciar costumes e tendências com consequências no modo de vida em diferentes épocas. Por isso, a sociedade desenvolveu uma infraestrutura produtiva que se transformou em parques industriais para fazer frente a uma demanda de larga escala no mercado interno e externo. Esta infraestrutura constitui uma rede de infrassegmentos produtivos independentes, tais como o beneficiamento das fibras naturais, a fiação de fibras naturais, artificiais e sintéticas, tecelagem e malharia.

---

Artes pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP); professor assistente-doutora em regime de dedicação integral à docência e pesquisa na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, e outras.

Marília, SP, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5073860126319285> [mjorente@yahoo.com.br](mailto:mjorente@yahoo.com.br)

A trajetória histórica e cultural do setor têxtil e de confecção brasileiro demonstra que existiu e ainda existe um processo de mudança. Com a liberação comercial, que trouxe a globalização do mercado doméstico, o setor sofreu um choque estrutural; juntamente a isso, o Brasil vive uma invasão de produtos importados asiáticos.

No histórico do setor têxtil brasileiro, podemos ressaltar a tecnologia como fator estratégico para mudanças e desenvolvimento, incluindo a questão da moda, que atualmente exige aderência à complexidade tecnológica dada à necessidade de assimilação de novas tendências artísticas e culturais para ressignificação contínua da cultura e mesmo da individualidade.

A China aparece atualmente como o líder mundial em exportações de produtos têxteis e confeccionados. Os impactos da expansão da economia chinesa sobre a indústria têxtil brasileira começam a ser sentidos. Segundo Costa e Rocha (2009), este avanço da China provocou – nas empresas dos países desenvolvidos – orientação de investimento em etapas de sua produção, tais como no design, na organização da produção e *marketing*; estes apresentam maior valor agregado, o que os torna polos orientadores da moda mundial.

Por outro lado, a trajetória da indústria têxtil no Brasil – assim como em países da Europa, América do Norte e Ásia – tem história de aproximadamente 200 anos, e conta com casos de

sucesso e insucesso em diferentes épocas com suas respectivas crises.

Os atributos necessários à avaliação da competitividade são mais amplos. Envolvem, por sua vez, competências e ações entre o setor público e as empresas, fazendo-se necessários na avaliação das principais questões discutidas. Isso afeta a competitividade na concorrência, o que acaba por promover a sustentação do negócio. Aspectos como aumento da capacidade de produtividade e empregabilidade no setor têxtil nos últimos anos devem ser explorados no sentido de que é preciso investir no mercado externo com competitividade baseada no investimento em tecnologia e capacitação de recursos humanos.

Assim, se propõe realizar um estudo com base em revisão de literatura sobre a indústria têxtil em perspectiva histórica e cultural com o objetivo de analisar possibilidades de crescimento e inovação frente à competitividade do atual mercado globalizado. Para isso, realizou-se uma análise do contexto histórico da indústria têxtil no Brasil desde o período colonial passando pelo século XIX com o protagonismo da região nordeste e o desenvolvimento das regiões centro-sul e sudeste no século XX, bem como o aparecimento de Feiras Internacionais e a situação do Brasil na atualidade. Em outro item a tecnologia é analisada como fator diferencial no desenvolvimento da indústria têxtil com base nas

experiências relatadas por pesquisadores e aplicações de outros países que também sentem os efeitos da exportação chinesa.

Entendemos que este trabalho fornece uma contribuição importante para a comunidade científica, pois além de investigar aspectos da história e desenvolvimento do setor têxtil brasileiro, busca apontar opções relativas à participação de novas tecnologias a serem analisadas como elementos decisivos no traçado de um novo horizonte para o panorama atual do setor.

### **Contexto histórico da indústria têxtil no Brasil**

O primeiro documento que comprova a manufatura de tecidos no Brasil é a carta de Pero Vaz de Caminha, onde há referência a “uma mulher moça com um menino ou menina ao colo, atado com um pano não sei de quê aos peitos”, mais adiante também é citado que “as casas tinham dentro muitos esteios e de esteio a esteio uma rede, atada pelos cabos em cada esteio” (COSTA, 2000, MATHIAS, 1988). Segundo Stein (1979, p. 57), o algodão já era tecido pelos índios antes da chegada dos portugueses.

No início do período colonial brasileiro havia uma rentável cultura algodoeira no norte e nordeste do país, e diversas manufaturas têxteis que iniciavam um processo de industrialização. Porém, a industrialização não era de interesse dos portugueses, que controlavam totalmente o mercado brasileiro. Então, em 1785 as

manufaturas têxteis foram interrompidas pelo alvará da Rainha Maria I, em que proibia o desvio de mão de obra da agricultura e da exploração mineira, já que a riqueza da colônia vinha de produtos do solo e não de produtos artesanais ou industriais (COSTA, 2000, SUZIGAN, 2000).

Com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, o alvará foi revogado e os portos abertos para o comércio entre países. Esta medida atraiu muitos comerciantes e estabelecimentos, o que favoreceu a estrutura comercial brasileira. Porém, o Tratado de cooperação e amizade assinado em 1810 entre Portugal e Inglaterra favoreceu a importação de produtos ingleses com taxas tarifárias a 15%, o que dificultou a competição dos produtos nacionais no mercado e enfraqueceu industrialização no Brasil neste momento. Durante todo o período do Império, prevaleceram os interesses dos grandes produtores rurais. De acordo com Costa (2000, p.40), tudo o que se fazia, desde o ponto de vista da infraestrutura até as tarifas alfandegárias, visava apoiar a produção agroexportadora.

Apenas em 1844, devido a um grande déficit, foi instalada a tarifa Alvez Branco, que estabelecia que cerca de três mil artigos importados passassem a pagar taxas que variavam entre 20% a 60%. Isso causou muita revolta entre as nações e comerciantes importadores, porém a medida acabou por favorecer indiretamente o

crescimento de novas atividades econômicas nacionais e a competitividade do mercado interno, incluindo a indústria têxtil.

Até o final do século XIX a indústria têxtil brasileira viria a se desenvolver. A suspensão das tarifas alfandegárias sobre a importação de maquinário serviu de estímulo para a criação de tecelagens e fiação de algodão. Podemos ressaltar alguns fatos importantes no desenvolvimento industrial brasileiro:

- Diversas fábricas são inauguradas no nordeste no período de 1830 a 1884, sendo a Bahia o primeiro e mais importante centro da indústria têxtil até 1860, pois dispunha de uma grande população escrava, matéria prima em abundância e fontes hidráulicas de energia.
- A partir de 1866 as fábricas passam a se concentrar na região centro-sul (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), principalmente no Rio de Janeiro, cujo crescimento demonstrava a importância econômica e política da região.
- A construção da estrada de ferro ligando Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, contribuiu decisivamente com o deslocamento das fábricas da Bahia para a região centro-sul.
- Em 1981 é fundada em Porto Alegre a Companhia e Fiação e Tecidos Porto Alegrense, que deu origem ao centro da capital gaúcha.
- Em 1982 a Tecelagem Roeder, Karsten & Hadlich é fundada pelo imigrante alemão Johann Karsten.

Estima-se que em 1882 havia no Brasil cerca de 48 fábricas produzindo 20 milhões de metros de tecido anualmente, este número viria a aumentar nos próximos anos para 134 estabelecimentos espalhados por 17 estados do país (COSTA, 2000, STEIN, 1979).

O século XX inicia com diversos avanços tecnológicos que influenciaram todo o mundo. Na primeira década do século, o Brasil passou de importador para exportador de algodão, já que as fábricas produziam mais que o mercado interno consumia. Em 1908 apenas em São Paulo foi produzido 60.714.279 metros de tecido e até 1920 a cidade se tornaria o maior polo industrial do Brasil (MATHIAS, 1988). Neste período nota-se também a produção da lã, seda e raiom, porém em toda a história da indústria no país, a produção de algodão é predominante (SUZIGAN, 2000).

Com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, houve uma desaceleração no crescimento da indústria têxtil, algumas fábricas fecharam e grande parte teve que reduzir suas horas de trabalho. A guerra comprometeu as importações e exportações entre diversos países, pois afetou as rotas mercantes do Oceano Atlântico. Então, ao mesmo tempo em que as exportações sofreram um grande recesso, a indústria conseguiu se sustentar devido à demanda do mercado interno que não podia consumir tecidos estrangeiros durante este período. A indústria voltou a sofrer com a queda da

bolsa de Nova York em 1929, mas o setor se recuperou em seguida, e entre 1931 e 1938 foi registrado um crescimento de 50%.

Os anos 30 representaram mais crescimento para o setor têxtil. A Segunda Guerra Mundial exigiu muito das indústrias dos países envolvidos, que acabaram por restringir o uso de matéria prima e dedicaram-se à produção militar. O Brasil tirou vantagem desta oportunidade aumentando sua exportação em 15 vezes e tornando-se neste período o segundo maior produtor têxtil mundial. Segundo Costa (2000, p. 55) em 1945, quando as tropas de Hitler se renderam, as indústrias brasileiras produziam mais de um bilhão de metros de tecidos.

Os anos 50 foram marcados pelo desenvolvimento em diversos setores com o Plano Nacional de Desenvolvimento do presidente Juscelino Kubitschek. A fábrica Bangu, que iniciou suas atividades em 1889 no Rio de Janeiro fabricando morins e chitas, elevou seu nível de qualidade e acabamento investindo em maquinário e produzindo artigos variados, agora investia em desfiles de moda e parcerias esportivas como veículo de publicidade. Com o sucesso dos desfiles que aconteciam no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, a empresa promoveu um evento internacional para apresentar o algodão brasileiro em Paris (COSTA, 2000).

Entre o final da década de 50 até o fim dos anos 60, o setor têxtil sofreu uma recessão que segundo um levantamento feito pela

Comissão econômica para a América Latina (Cepal) foi causada pela obsolescência técnica e problemas organizacionais. Além disso, todo o país passava por um hiato econômico após o grande crescimento industrial propiciado pela Segunda Guerra Mundial. A indústria têxtil investiu na estruturação do setor e promoveu investimentos em mão de obra qualificada, porém, encontrou no mercado da moda uma solução que antes não havia sido extensamente explorada. Na primeira Feira Internacional da Indústria têxtil (FENIT) os industriais tiveram a oportunidade de estudar as tendências de moda e novos processos tecnológicos para desenvolverem novos produtos para públicos agora segmentados. Teixeira (2007, p. 130) afirma que a presença da moda como grande referencial de mercado mudou a perspectiva da indústria na condução das suas atividades produtivas e, principalmente, na promoção de seus produtos.

Ao longo da década de 1970 houve a entrada de investidores estrangeiros que priorizavam a produção de fibras e filamentos artificiais e sintéticos para responder pela demanda do setor do vestuário por tecidos de tergal e lycra. Podemos citar dentre as empresas abertas neste período: as americanas Sudamtex e a Celanese, a brasileira e japonesa Safron-Teijin, a franco-suiça Rhodia, a italiana Fiação brasileira de Rayon e a brasileira e alemã Companhia brasileira de Sintéticos (TEIXEIRA, 2007).

A década de 80 trouxe o final do ciclo de expansão econômica vivido até os anos 70. O cenário brasileiro apresentava incertezas e dificuldades com a alta de desempregos, queda de renda, escalada de preços e a estagnação da economia. O setor têxtil estava fragilizado e tecnologicamente atrasado em comparação aos Estados Unidos, Europa e agora a Ásia. Esta década, ficou conhecida como a década perdida para o Brasil e a América Latina (*ibidem*, 2007). O modelo protecionista, que ainda possuía características de substituição de importações agora perdia a força frente a um mundo capitalista e aberto à competição e à globalização.

Em 1990, o Brasil passava pela abertura geral da economia, isso apresentou efeitos positivos, assim como novos desafios para toda a indústria do país. Era necessário ter como referência não mais o mercado interno, mas o comércio global (*ibidem*, 2007).

O impacto inicial na indústria têxtil foi de crise, o setor ainda se mostrava atrasado tecnologicamente devido ao protecionismo vivenciado nos últimos anos, e enquanto as importações de fios e tecidos sintéticos e artificiais subiam, as exportações ainda apresentavam estabilidade, isso gerou conflito entre diversos elos da cadeia. As pequenas e médias empresas pouco modernizadas possuíam poucas chances de sobreviver, a tendência era a predominância de grandes empresas que possuíam meios para investir em tecnologia (KELLER, 2006). Pode-se citar algumas

transformações no setor induzidas pelas mudanças econômicas do início dos anos 90:

- Esforços de incremento da produtividade via elevação da relação capital/trabalho e da eficiência produtiva, com o objetivo de enfrentar a concorrência asiática. Investimentos em modernização foram elevados especialmente a partir do Plano Real.
- A ampliação do consumo da população de renda mais baixa em decorrência da estabilidade da moeda, somada à forte concorrência de tecidos artificiais e sintéticos importados da Ásia levou à substituição da produção de tecidos planos por malhas de algodão, cujos investimentos são mais baixos e o produto é mais barato.
- Deslocamento para o Nordeste e demais regiões de incentivos fiscais, com o objetivo de reduzir custos de mão de obra.

## Contexto atual

Como o setor têxtil, inclusive inclui confecções e vestuário, tem grande importância na economia brasileira, por ser um forte gerador de empregos, com grande volume de produção e exportações crescentes. Contudo, o setor viveu e ainda vive um processo de mudança. Com a liberação comercial, que trouxe a globalização do mercado doméstico, o setor sofreu um choque estrutural, além disso, o Brasil vive uma invasão de produtos

importados asiáticos, que apresentam um percentual de crescimento constante até o momento atual. A China aparece atualmente como o líder mundial em exportações de produtos têxteis e confeccionados. Podem-se destacar alguns fatores importantes para o aumento crescente da importação chinesa no Brasil:

- O fim do Acordo de Têxteis e Vestuário da OMC;
- A crise econômica vivenciada em 2008 faz com que Inglaterra e Estados Unidos deixem de consumir massivamente produtos importados, em prol da economia interna;
- Trabalho intensivo e relativamente mais barato aumenta a produtividade chinesa;
- Amplitude e variedade de produção;
- Grande capacidade de produção de matéria prima: algodão, fibras sintéticas e artificiais (BARBOSA, 2006).

Em 2011 o Brasil apresentava a 8<sup>a</sup> posição entre os maiores produtores de têxteis e a 7<sup>a</sup> posição para a produção de artigos confeccionados. Todavia, sua participação no comércio internacional é pequena, ocupando 26º posição em exportação de têxteis e a 48º em exportação de artigos confeccionados, sendo a China o país que mais exporta tanto produtos têxteis quanto os artigos confeccionados (AMORIM, 2008). A divergência entre Brasil e China é explicada por Barbosa (2006, p. 2):

A diferença essencial entre os dois países parece residir no nexo entre exportações e investimento, que permitiu ampliar a capacidade produtiva na

China, enquanto no Brasil e demais países latino-americanos a volatilidade cambial trouxe alterações bruscas nas taxas de crescimento e investimento, recorrendo estes países a políticas monetárias rígidas.

Os impactos da expansão da economia chinesa sobre a indústria têxtil brasileira começam a ser sentidos. Em agosto de 2012, a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT) encaminhou um pedido de investigação de salvaguarda para 60 itens do setor de vestuário, alegando que está ocorrendo um surto de importações de roupas no País. Porém, o governo brasileiro tem alinhado junto à sua política externa, várias empresas com interesses comerciais no mercado chinês, entre eles a exportação de soja, carne, madeira e café, entre outros produtos básicos. Por isso a regulamentação da salvaguarda para a indústria têxtil poderia prejudicar as demais operações entre estes dois países (BARBOSA, 2006).

Entretanto, a análise da trajetória da indústria têxtil brasileira demonstra que existe um potencial de criação e de inovação a ser explorado que necessita de investimento em tecnologia como fator de mudança tendo em vista que a sociedade brasileira demonstra uma diversidade cada vez mais segmentada em suas classes sociais. Além disso, não se pode desprezar que o *marketing* dos megaeventos como a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016, colocará o Brasil como evidência no mundo criando um fator a mais de desenvolvimento a ser

explorado para a abertura do mercado internacional. O que nos leva a considerar que o sentido da criação na área têxtil brasileira poderá se voltar para modelos de brasiliade e identidade nacional ditando tendências tendo como pano de fundo um plano artístico e cultural.

## **A tecnologia como fator diferencial no desenvolvimento da indústria têxtil**

Estudando o histórico do setor têxtil brasileiro, pode-se ressaltar a tecnologia como fator estratégico para mudanças e desenvolvimento, incluindo a questão da moda, que atualmente exige aderência à complexidade tecnológica dada à necessidade de assimilação de novas tendências artísticas e culturais para ressignificação contínua da cultura e mesmo da individualidade.

Segundo Avelar (2011, p. 135-136):

O limite do corpo humano é testado e questionado milímetro a milímetro, ou melhor, nanômetro por nanômetro. São essas tecnologias cada vez mais potentes e precisas que sugerem o novo no corpo contemporâneo. Um corpo sempre híbrido, desde o momento em que aprendeu a utilizar ferramentas para melhorar seu desempenho, e que hoje se vale das tecnologias digitais para garantir um melhor funcionamento. Um corpo que hoje admite a projeção dessas ferramentas tanto internamente como bem próximas à pele, num caminho para a confirmação de corpos como sistemas autorregulativos.

Existem atualmente várias experimentações relacionadas ao têxtil, à tecnologia e à moda. O uso da impressora 3D para criações de moda já é uma realidade, a designer holandesa Iris Van

Herpen trabalha com esta técnica de manufatura há algumas coleções e impressiona o público e a crítica com suas construções para a alta costura; as líderes mundiais em vendas de materiais esportivos Nike e Adidas já lançaram produtos feitos em parte com a impressora 3D, porém o maior avanço que esta tecnologia trouxe para estas empresas foi a rapidez para criar e avaliar protótipos, melhorando o ciclo produtivo e o produto final de ambas as marcas. O estúdio de pesquisa em design XS Labs no Canadá promove diversos projetos na área da moda, criando peças que interagem com o corpo, como o modelo “Spotty Dresses” cujas estampas mudam de cor a partir do toque. Os alunos de design da Concordia University obtiveram resultados interessantes a partir de protótipos, como a sapatilha de balé que se ilumina de acordo com os movimentos da dança. A estilista canadense Ying Gao trabalha a construção da vestimenta com experimentações tecnológicas, um de seus projetos são vestidos interativos em que o tecido se move a partir de um rastreador ocular, desta forma, Gao explora o status do indivíduo tendo seu contorno físico modificado por interferências externas. No Brasil pode-se citar o estúdio Orbitato em Pomerode, SC. Além dos cursos curtos e de pós-graduação, são desenvolvidos trabalhos com empresas da região e também um projeto com as artesãs da cidade de Mafra, aproveitando a malha excedente da indústria têxtil de Santa Catarina.

Nota-se uma tendência tecnológica voltada para o corpo, e como as roupas interagem com o corpo que as veste. Aplicações

tecnológicas em tecidos já são uma realidade que proporciona a criação de novos materiais e o aperfeiçoamento do funcionamento do corpo humano, como por exemplo, as roupas que ajudam a suportar temperaturas extremas. A moda por sua vez, tem um papel relevante neste cenário, pois permite que estas novidades tecnológicas sejam de fato praticadas, unindo a tecnologia e a estética (AVELAR, 2011).

A moda é uma expressão artística e cultural que depende de elevado grau de sofisticação em criação. Vemos a partir da moda, a necessidade de experimentação no desenvolvimento tecnológico, industrial e comercial, com o intuito de obter produtos têxteis e confeccionados com qualidade e design superior e enfim expandir o mercado brasileiro no exterior (*ibidem*, 2011).

Segundo Avelar, os primeiros investimentos em tecidos tecnológicos foram impulsionados pelo esporte e o militarismo, que buscavam otimizar características como a performance, funcionalidade, impermeabilidade, leveza e conforto. Isso permitiu a criação de muitas fibras que hoje são comumente utilizadas na moda; podemos citar o elastano, o náilon, o poliéster e o neoprene. Atualmente podemos destacar, em termos de inovação tecnologia já assimilada no dia a dia, os tecidos “inteligentes” que são definidos como têxteis capazes de detectar e reagir a condições meio ambientais ou a estímulos externos de diferentes naturezas como os

mecânicos, os térmicos, os químicos, as fontes elétricas ou magnéticas (AVELAR, 2011, JIMENEZ, 2009).

Avelar (2011) destaca alguns exemplos de tratamentos e aditivos em fibras, fios e tecidos: os antiácaros, os antiUV, os antichamas, os antibacteriológicos, os refletores ópticos, os termocromáticos, entre outros. Cita também desenvolvimentos em fibras: a fibra de bambu, as fibras de alga, as fibras de papel, as fibras de extrato de caranguejo, entre outras.

A tecnologia que temos hoje nos permite criar têxteis capazes de sentir e reagir a condições climáticas ou à estímulos mecânicos, térmicos, magnéticos, químicos e elétricos de uma maneira pré-determinada. Estes avanços podem beneficiar a indústria têxtil, hospitalar, militar e causam um impacto positivo na vida dos usuários.

A crescente importação asiática e a pressão que esta causa no setor têxtil revela a necessidade de atenção às novas tendências artísticas e culturais no segmento que se traduzem em novos recortes estilísticos. Por conseguinte, exige a aderência à complexidade tecnológica como fator estratégico para mudanças que provoquem o aparecimento de nichos de mercado para o desenvolvimento e atualização do parque industrial têxtil.

Esta é uma realidade atual da indústria têxtil brasileira, tendo em vista que o modelo e o processo de produção têxtil asiática

são em curto prazo incompatível e inviável economicamente para o Brasil, como demonstrado pela trajetória histórica.

## Considerações finais

A indústria têxtil é de extrema importância para o país, pelas suas dimensões e seu início no Brasil Colonial, assim como seu desenvolvimento até os dias de hoje fazem parte da nossa história. É necessário analisar possíveis rumos para que a indústria melhore sua posição frente a um mercado que se apresenta gradativamente mais amplo.

Desta forma esta investigação tomou como objeto de estudo a Indústria Têxtil e os movimentos socioculturais que permeiam seu desenvolvimento no Brasil. Entendemos que este estudo fornece uma contribuição importante para a comunidade científica, pois além de produzir um estudo investigativo da história e desenvolvimento do setor têxtil brasileiro, buscou apontar opções relativas à participação de novas tecnologias analisadas como elementos decisivos no traçado de um novo horizonte para o panorama atual do setor.

A globalização nos anos 90 foi um desafio para o Brasil. Se de um lado tal processo foi benéfico no ponto de vista da abertura econômica, o planejamento para abarcar com as mudanças advindas da globalização revelou-se fragilizado. A necessidade no Brasil não

se resume somente a produtos mais sofisticados preparados para o consumo, mas também na apreensão de conhecimento e tecnologia para o fortalecimento da Indústria frente à competitividade externa.

Esta situação, certamente, não poderá ser resolvida unilateralmente pelo setor da indústria têxtil porque envolve políticas econômicas e sociais de Estado, por outro lado, é uma oportunidade que se abre para a comunidade científica analisar a formação de pesquisadores e o desenvolvimento de pesquisas voltadas ao setor têxtil que abordem a inovação tecnológica em processos e produtos.

A tecnologia é um fator diferencial no desenvolvimento da indústria têxtil brasileira que, aliada ao contexto multicultural brasileiro, definirá tendências baseadas na diversidade artística. Por isso, conclui-se que é necessário investimento em inovação tecnológica e na geração de conhecimento novo mediante desenvolvimento científico realizado na formação de pesquisadores e no incentivo à pesquisas compartilhadas com a indústria têxtil.

## Referências bibliográficas

AMORIM, Alberto Henrique. Competitividade internacional do complexo têxtil brasileiro no período 1998 a 2006. **REDIGE**, v. 2, n. 1, 2011.

AVELAR, Suzana. **Moda: globalização e novas tecnologias**. São Paulo: Estação das letras e cores editora, 2009.

**BARBOSA, Alexandre de Freitas, MENDES, Ricardo Camargo. As relações econômicas entre Brasil e China: uma parceria difícil.** FES Briefing Paper, 2006.

**COSTA, A. C. R. da; ROCHA, E. R. P. da.** Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão de inovação. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.29, p.159-202, mar.2009.

**COSTA, Shirley; BERMAN, Debora; HABIB, Roseane Luz.** **150 anos da indústria têxtil brasileira.** Rio de Janeiro: Senai-Cetiqt/Texto&Arte, 2000.

**FIRJAM, A. de A.; FERRAZ, F. T.** Uma breve análise acerca do segmento industrial têxtil e de confecção brasileiro pós década de 80 e a competitividade do setor no mercado de Juiz de Fora, MG. **REDIGE**, V.2, N.3, p.23-41, 2011.

**GIL, A. C.** **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159 p.

**KELLER, Paulo Fernandes.** Impactos da globalização econômica sobre a cadeia têxtil brasileira: O caso do pólo têxtil de Americana (SP). **Revista Universidade Rural**, Série Ciências Humanas. Seropédica, RJ, EDUR, v. 28, n. 1, jan.-dez., 2006. p. 59-77.

**MATHIAS, Herculano Gomes.** **Algodão no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Index, 1988.

**STEIN, Stanley J.** **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950.** Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979.

**TEIXEIRA, Francisco MP.** **A história da indústria têxtil paulista.** Sinditêxtil-SP, 2007.